

UMA DIGRESSÃO PELA ESCRITA CONTEMPORÂNEA COM ARREMATES NO ROMANCE DESSE TEMPO

A TOUR OF CONTEMPORARY WRITING WITH BULLSHIT IN THE NOVEL OF THAT TIME

Clélia Gomes dos Santos¹

Ricardo Martins Valle²

RESUMO: Este artigo busca analisar os itinerários percorridos pelo escritor contemporâneo em escrever na contemporaneidade, sendo ele um experienciador deste tempo. O propósito é traçar, em linhas gerais, as características do autor e do romance contemporâneos, bem como elementos necessários para situá-los neste tempo. Para tal, tomamos como elemento de análise trechos das obras *Essa Terra*, *O Cachorro e o Lobo* e *Pelo Fundo da Agulha*, do romancista baiano Antônio Torres, considerando alguns elementos das narrativas, como temática principal, personagens, tempo, dentre outros. Partimos do princípio de que o romance de Torres, por meio dessa trilogia, trazem à tona os transtornos e desdobramentos da migração na esfera contemporânea. Valemo-nos de estudiosos que discutem os dramas da migração, que vão além da fronteira geográfica, bem como da contemporaneidade, a saber: DELEUZE e GUATTARI (1997), AGAMBEN (2009), AUGÈ (2012), DALCASTAGNÉ (2012).

Palavras-Chave: Antônio Torres; Deslocamento; Escrita contemporânea; Romance contemporâneo.

ABSTRACT: This article seeks to analyze the itineraries of the contemporary writer in writing in contemporaneity being he an experiencer of that time. The purpose is to outline, in general lines, the characteristics of the contemporary novel, as well as elements that it situates in that time. To do this, we take as an element of analysis excerpts from the works "Terra", "The dog and the wolf" and the bottom of the needle of the Bahia novelist Antônio Torres, considering anything elements of the narratives, as main theme characters, time, character, among others. We assume that Torres' novel, through this trilogy, brings to light the upheavals and unfolding of migration in the contemporary sphere. We are talking about scholars who discuss migration dramas that go beyond the geographic frontier as well as contemporaneousness, namely: DELEUZE and GUATTARI (1997), AGAMBEN (2009), AUGÈ (2012), DALCASTAGNÉ (2012).

Keywords: Contemporary writing; Contemporary Romance; Antônio Torres; Displacement.

INTRODUÇÃO

“Aqueles que coincidem muito plenamente com a época, que em todos os aspectos a esta aderem perfeitamente, não são contemporâneos porque, exatamente por isso, não conseguem vê-la, não podem manter fixo o olhar sobre ela” (AGAMBEN 2009, p. 59). Como no fragmento de Giorgio Agamben, conceituar o contemporâneo é tão difícil quanto complexo. Em se tratando de

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras: cultura, educação e linguagem, pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Graduada em Letras Português/Inglês e Literaturas pela UNEB. Especialista em Letras, Português e Literaturas pela FIJ e em Práticas Docentes Interdisciplinares pela UNEB. Professora EBT/IF-Baiano.

² Graduado em Letras Alemão/Português pela USP (1998), mestrado e doutorado em Literatura Brasileira também pela USP, sob a orientação do Prof. Dr. João Adolfo Hansen. É professor na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, atuando nos cursos de Graduação e Pós-Graduação.

literatura, isso se intensifica, já que o número de autores e obras vem sofrendo um crescimento quase que imensurável. Contudo, entender o momento literário do presente é uma tarefa cujo empenho há de se dar, independente da certeza ou não de que qualquer definição que possamos alcançar seja passível de refutações.

Esse receio de lidar com o conceito de contemporâneo faz com que muitas produções literárias, mesmo substancializando ideais políticos, sociais, éticos e estéticos dos ciclos históricos em que são produzidos, encerrem suas análises, em especial, em algum momento do modernismo, dissertando sobre autores que desenvolveram a maior parte de sua produção antes dos anos 1970. Quando o fazem, minimamente mencionam-se autores e elencam algumas de suas mais recentes obras. No entanto, conceituar a literatura contemporânea exige meditá-la considerando a sua amplitude. Alfredo Bosi (1982), por exemplo, situa as tendências contemporâneas da literatura brasileira a partir da década de 30 do século XX (BOSI, 2006).

Por outro lado, pensar a literatura brasileira contemporânea implica considerar, dentre diversas vertentes e possibilidades, o intenso fluxo de produção e publicação literária ocorrido hoje como em nenhum outro momento da história e um conjunto de situações e problemas que pode aparentar inércia, mas que se revelam, em toda a sua extensão, cada vez que algo se movimenta. Dalcastagnè (2012) atribui aos problemas a disputa de espaço, seja ele inscrito no mapa social ou constituído numa narrativa, daí a necessidade de refletir como a literatura brasileira contemporânea situa-se dentro deste “jogo de forças” o modo pelo qual ela se elabora, as tensões resultantes dos embates entre os que dispõem a transitar pelos diferentes lugares e os que preferem manter seu espaço poupado.

Nesse sentido, a contemporaneidade reserva aos autores desafios que vão além da escrita, mas perpassam por elementos referentes à publicação, divulgação, veiculação, com largo e variado volume de produções e, sobretudo, pelo crivo da recepção do leitor e da crítica. Por outro, pertencer ao universo literário contemporâneo exige cuidado no trato das relações de tempo. Em Schøllhammer (2009), a literatura contemporânea não é necessariamente aquela que representa a atualidade, a não ser por uma desapropriada ou estranha história que faz perceber as zonas marginais e obscuras do presente, que se afastam de sua lógica (SCHØLLHAMMER, 2009, p. 10). Ser contemporâneo, segundo esse raciocínio, é ser capaz de se orientar na incerteza e, conseqüentemente, se reconhecer e se comprometer com um presente com o qual não é possível coincidir.

A reflexão da história atual, como “ruptura” e da função do escritor contemporâneo na contramão das tendências afirmativas, pode contribuir no entendimento de alguns dos critérios implícitos que definem o sucesso, a visibilidade na mídia, na academia, na crítica e nos leitores.

Ainda de acordo com Schøllhammer (2009) o sucesso nem sempre significa adequação ou harmonia histórico/temporal, do mesmo modo que a não compreensão entre os leitores nem sempre indica que não se logrou uma compreensão extraordinária do momento histórico no qual se inserem esses mesmos leitores (SCHØLLHAMMER, 2009, p. 12).

Em Resende (2008), a fertilidade, a qualidade e a multiplicidade são as principais marcas da literatura brasileira contemporânea. Isso significa dizer que, apesar dos falares acerca dos altos e baixos da leitura no país, das reclamações de uma concebível crise do livro, consome-se e comenta-se literatura, emergem novos escritores e perfis de escrita, editoras surgem em um ritmo cada vez maior e o mercado de livros, bem como as feiras literárias, têm mostrado resultados significativos.

Na seara desta contemporaneidade, destacamos o escritor baiano Antônio Torres, com os romances *Essa Terra* (1976), *O Cachorro e o Lobo* (1997) e *Pelo Fundo da Agulha* (2006), que por meio de uma escrita peculiar, driblam os percalços produzidos por esse tempo e propõem narrativas que tematizam condicionantes e comportamentos humanos em meio às instabilidades que a sociedade impõe, sem perder de vista a completude de leitura que cada obra possui por si só, ao mesmo tempo em que as três formam uma trilogia, cada qual de maneira surpreendente, bem vista e recepcionada pela crítica literária.

1 TECENDO LINHAS POR UMA LITERATURA DE CARÁTER CONTEMPORÂNEO

A multiplicidade de estilos apresentados na produção literária brasileira das últimas décadas tenciona, em caráter de urgência, ser melhor entendida pela crítica literária. Perceber o próprio tempo, voltar-se para ele, tornou-se tanto desafiador quanto crucial. Deve-se isso quem sabe à incapacidade de um distanciamento temporal e de um aparato crítico que favoreçam um olhar mais atento ao texto literário. De acordo com Giorgio Agamben (2009), ser contemporâneo é aderir ao próprio tempo e dele se distanciar no mesmo momento, “essa é a relação com o tempo que a este adere através de uma dissociação e um anacronismo” (AGAMBEN, 2009, p. 59). Ettore Finazzi-Agrò (2014), embasado na discussão de Agamben, diz que pensar o contemporâneo é defrontar com a incerteza de um tempo que “sendo contemporâneo, se furta, todavia, a qualquer interpretação certa e qualquer tentativa de o sintetizar ou de o ajustar dentro de um paradigma hermenêutico inabalável” (FINAZZI-AGRÒ, 2014, p. 7).

Sendo assim, questionar o contemporâneo faz parte do processo de entendimento de contemporaneidade. Leyla Perrone-Moisés (2016) ao manifestar sobre a passagem do século XX para o XXI e a literatura desse período, chamada por muitos de “pós-moderna”, coloca que “chamar a

literatura de virada do século de ‘contemporânea’ é tão inconveniente quanto chamá-la de pós-moderna, porque o tempo se encarrega de mudar o sentido desse adjetivo” (PERRONE-MOISÉS, 2016, p. 45). Perrone-Moisés acrescenta que os escritores contemporâneos apropriaram as vivências modernas e “ora lhes dão uma continuidade, ora as ignoram, praticando tranquilamente qualquer tipo de estilo do passado, sem a preocupação modernista com o novo”. Nesse sentido, escritores do presente continuam tendo a tradição literária como fonte de referências.

De acordo com Flávio Carneiro (2005), reportando-se à Haroldo de Campos, a literatura brasileira do século XXI é pós-utópica, pois não há modelos a serem seguidos. Para Carneiro (2005), a literatura desse começo de milênio está circunscrita “num processo deflagrado (...) nos anos 80 e intensificados no 90, é o da convivência pacífica dos mais diversos estilos” (CARNEIRO, 2005, p. 33). Porém, isso não significa dizer que as tendências são totalmente homogêneas e/ou harmônicas entre si, mas que divergindo-se de outros períodos, “há uma ausência de forças conflitantes. Parece haver um lugar para todas as experimentações, não só aquelas que marcaram os últimos vinte anos de nossa ficção como também as anteriores (...)” (CARNEIRO, 2005, p. 33).

Uma das características que a contemporaneidade impunha à escrita literária é a necessidade desta alinhar-se por um terreno fértil e ao mesmo tempo conflituoso e indefinido, com personagens que vivem dilemas que ultrapassam as fronteiras da ficção e trazem à tona situações de vida real, muitas delas frutificadas nesse chão de incertezas. Gilles Lipovetsky e Jean Serroy (2010) intitulam essa sociedade de “sociedade hipermoderna”, na qual enfatizam o mercado como controlador exclusivo das ações humanas em quase que sua totalidade. Segundo os autores,

A cultura de livre disposição dos indivíduos no supermercado contemporâneo dos hábitos de vida é também a que vê crescer a tendência ao autodesregramento. Na sociedade do hiperconsumo, afirmam-se ao mesmo tempo o princípio pleno do poder sobre a condução de si próprio e as manifestações de dependência e de impotência subjetivas. Ao mesmo tempo, as atividades mais elementares da vida cotidiana tornam-se problemáticas e causadoras de interrogações subjetivas (LIPOVETSKY e SERROY, p. 59, 2010).

Nesse debate dos autores, as estruturas sociais que garantiam uma certa tranquilidade emocional às pessoas, mesmo que a custa de menos liberdades individuais, já não existem ou passam por transformações profundas e dinâmicas, o que leva a inquietações e frustrações, já que as regras mudam muito mais depressa do que muitas vezes somos capazes de acompanhar e nos adaptarmos. O escritor, por sua vez, vivencia todos esses movimentos e transformações sociais e a literatura, conseqüentemente, não só reflete, mas interfere nesse processo de construção e reconstrução social. Candido (2000) observa que a literatura desempenha o papel de instituição social, pois utiliza a linguagem como meio específico de comunicação e a linguagem como criação social. Observa,

também, que o conteúdo social das obras em si próprias e a influência que a literatura exerce no receptor fazem da literatura um instrumento poderoso de mobilização social. Ao considerar que “a arte e a literatura são atividades permanentes, correspondendo a necessidades imperiosas do homem e da sociedade”, Candido (1995, p.16) também confirma a função social de ambas.

Assim, as narrativas de ficção de Torres nessa sociedade ‘intempestiva’, fazendo uso do termo de Agamben (2009), bem como outras construções literárias desse tempo, a exemplo de *Lavoura Arcaica* de Raduan Nassar (1989), “O Gramofone”, conto de Salim Miguel (1979) ou ainda *As Dozes Cores do Vermelho*, de Helena Parente Cunha (1988) trazem, nas suas estruturas narrativas, não uma subjetivação de sentido, mas um construto social que continua se fazendo, refazendo e transformando gradualmente. A literatura, bastante sensível a essas alterações, incorpora o tempo como um dos seus aliados nessa percepção, a exemplo de Nelo, personagem de *Essa Terra*, ao se dar conta que o tempo passou e ele não atendeu às próprias expectativas de vinte anos atrás: “Vinte anos para a frente, vinte anos para trás. E eu, no meio, como dois ponteiros eternamente parados, marcando sempre a metade de alguma coisa — um velho relógio de pêndulo que há muito perdeu o ritmo e o rumo das horas” (TORRES, 2001, p. 20). Observa-se que as narrativas contemporâneas que Antônio Torres propõe ultrapassam as fronteiras do tempo e do espaço, sem deixar de considerar e driblar as intercorrências que o escritor contemporâneo está sujeito.

Nesse universo, continuar a falar da escrita na contemporaneidade, tomando como base as obras de Antônio Torres, é inevitável não mencionar temáticas complexas como a seca e suas implicações, a migração, a diáspora, a fragmentação e/ou miscelânea identitária, os deslocamentos, a ideia de desterritorialização e reterritorialização, dentre outros elementos que costuram as narrativas do autor. Uma ficção que se encarrega de expor e trazer à tona um desses temas, o qual se tornou um dos mais recorrentes e complexos problemas da atualidade, a movimentação desordenada de pessoas entre lugares, cidades, países, continentes: “Era outra a cidade, e outro o país, o continente, o mundo deste outro personagem, um homem que já não sabia se ainda tinha sonhos próprios” (TORRES, 2006, p. 7). Neste trecho, São Paulo equaciona a grande metrópole com seus núcleos de imigrantes e seus conflitos e estabelece relação com o mundo globalizado por meio de outras cidades geograficamente nominadas ou simbolicamente imaginadas. Estar no espaço geográfico não significa necessariamente sentir-se nele, uma vez que as dimensões que confirmam o processo de desterritorialização são procedidas de uma reterritorialização, seja na dimensão econômica, política ou cultural.

Deleuze e Guattari (1980) ponderam que

A principal contribuição dos autores é a de que não existe uma desterritorialização desconectada de uma posterior reterritorialização. A função de desterritorialização: D é o movimento pelo qual “se” abandona o território. É a operação da linha de fuga. Porém, casos muito diferentes se apresentam. A D pode ser recoberta por uma reterritorialização que a compensa, com o que a linha de fuga permanece bloqueada; nesse sentido, podemos dizer que a D é negativa. Qualquer coisa pode fazer as vezes da reterritorialização, isto é, “valer pelo” território perdido; com efeito, a reterritorialização pode ser feita sobre um ser, sobre um objeto, sobre um livro, sobre um aparelho, sobre um sistema [...] (DELEUZE e GUATTARI, 1997, p. 224).

Para Haesbaert (1994), o processo de desterritorialização e reterritorialização em eminência evidencia, na sociedade contemporânea, um complexo mundo organizado por inúmeras “formas” de territórios. Assim, além de sinônimo de poder, o território é também é sinônimo de diversidade. E é na diversidade que se costumam novas geografias, muitas vezes fazendo o percurso contrário aos interesses dos grupos historicamente hegemônicos, acarretando em problemas de ordem social, econômica, política, ideológica e cultural, conforme afirma Haesbaert:

Desterritorialização, portanto, antes de significar desmaterialização, dissolução das distâncias, deslocalização de firmas ou debilitação dos controles fronteiriços, é um processo de exclusão social, ou melhor, de exclusão socioespacial. [...] Na sociedade contemporânea, com toda sua diversidade, não resta dúvida de que o processo de “exclusão”, ou melhor, de precarização socioespacial, promovido por um sistema econômico altamente concentrador, é o principal responsável pela desterritorialização (HAESBAERT, 1994, p. 67).

Para Canclini (2000), os processos de desterritorialização e reterritorialização são caracterizados pela “[...] perda da relação natural da cultura com os territórios geográficos e sociais e, ao mesmo tempo, certas relocalizações territoriais relativas, parciais, das velhas e novas produções simbólicas” (CANCLINI, 2000, p. 309). Esses aspectos se evidenciam no personagem Totonhim quando este deixa sua terra e a sua cultura e repentinamente se encontra em outro território, em outra cultura. Para Milton Santos (1994), essa desterritorialização também pode ser vista como desculturalização, uma vez que os indivíduos se veem forçados a se inserirem em uma outra cultura, o que requer um certo distanciamento da cultura de “origem” (SANTOS, 2008).

Marc Augé (1992), em estudos mais recentes, resguarda que a discussão acerca da mobilidade de um povo, de um grupo ou mesmo de um indivíduo na condição de desterro ou reterritorializado levanta a questão dos “não lugares” que a ‘supermodernidade’, fração do mundo contemporâneo, não se definem, pelo contrário, se aglomeram, se fundem: “Na realidade concreta do mundo de hoje, os lugares e os espaços, os lugares e os não lugares misturam-se, interpenetram-se. A possibilidade do não lugar nunca está ausente de qualquer lugar que seja” (AUGÉ, p. 98, 2012).

Em Torres (1996 e 2006), a inexatidão desses lugares é recorrente em diversas personagens, percebemos nas falas de Nelo e de Totonhim, ambas em obras — primeiro em *O Cachorro e o Lobo* (1996), depois em *Pelo Fundo da Agulha* (2006) — momentos e situações díspares:

“De repente me ocorre me ocorre uma possibilidade fantástica: ao deixar a estrada principal e pegar o atalho para cá, fui sequestrado pelo espírito de um aviador nascido aqui e levado para outro fim de mundo chamado Comala, um lugar mexicano inexistente. Ou seja: não viajei para lugar nenhum, não cheguei ao Junco coisa nenhuma. Estou mesmo é em São Paulo, é domingo de manhã...” (TORRES, 1997, p. 81).

“Nascemos numa terra selvagem, onde tudo já estava condenado desde o princípio. Sol selvagem, chuva selvagem (...). É por isso que não sei de volto ou se fico. Acho que agora tanto faz. Porque o tempo que comeu o meu chapéu de palha, agora está comendo o lugar que eu deixei em São Paulo. Deu para você entender Totonhim?” (TORRES, 2006, p. 102).

O que se percebe é que o número e a diversidade de estudos, diálogos, pesquisas, teorias que buscam compreender o conjunto sujeito/sociedade/tempo/espço é cada vez mais abundante e almejar contemplá-las seria de muita pretensão e ousadia. Assim, esta seção vem propondo um alinhavo, sem maiores arremates, de alguns estudiosos que desenvolveram ou vem desenvolvendo pesquisas nesse amplo e complexo campo da contemporaneidade, buscando dialogar com o universo literário, sobretudo da ficção torresiana. Para além de pensadores ora já citados, poderíamos mencionar aqui contribuições de Nobert Elias, com o conceito de *outsider*; Stuart Hall, pensando nas questões da diáspora, dentre outros. Reportando a Bhabha (1998), há de se verificar sobre a diversidade de teorias contemporâneas e ao mesmo tempo da importância de considerá-las no e para o processo de compreensão de enigmas culturais, como relacionar sociedade e ficção. Segundo o autor,

[...] é salutar, toda uma gama de teorias críticas contemporâneas sugere que é com aqueles que sofreram o sentenciamento da história — subjugação, dominação, diáspora, deslocamento — que aprendemos nossas lições mais duradouras de vida e pensamento (BHABHA, 1998, p. 240).

Para Regina Dalcastagnè (2012), pensar a literatura brasileira contemporânea é entendê-la como um “território contestado”, no qual diferentes vozes, estilos e linguagens disputam um espaço para falar com legitimidade. Contudo, o desejo aqui não é a questão da relação entre literatura e mundo, ou reacender a discussão se a literatura fala do mundo, ou se a literatura fala da literatura, mas fomentar o propósito de que “o fato de a literatura falar da literatura não impede que ela fale também do mundo”, conforme diz Compagnon (2001), pois “afinal de contas, se o ser humano

desenvolveu sua faculdade de linguagem, é para tratar de coisas que não são da ordem da linguagem que fazemos literatura” (COMPAGNON, 2001, p. 126).

2 UM RECORTE PELO ROMANCE CONTEMPORÂNEO

“De repente o homem está pronto para o surgimento do romance: não há uma fé sólida, a burla e o descrédito substituíram a religião, o homem está de novo exposto à intempérie metafísica” (FERNANDES, 1996, P.15).

A partir do fragmento acima, começamos a pensar no romance enquanto manifestação literária, porém, dentro de uma perspectiva contemporânea, compreender o caráter do romance torna-se tão pertinente quanto questionar o significado de contemporâneo. O que se sabe, no entanto é que o romance, desde o seu surgimento no século XVIII, vem sofrendo inúmeras transformações. Para Bakhtin (1929), o romance “gênero por si construir, e ainda inacabado” (BAKHTIN, 2002, p. 397). Assim, tecer a trajetória desse estilo de escrita literária demandaria, além de tempo, uma profunda, complexa e extensa pesquisa, uma vez que teríamos nesse universo uma infinidade de informações, elementos e fatores a serem considerados. Sem a ambição para tal, achamos pertinente, para este estudo, fazer um arremate no romance contemporâneo, a partir de fragmentos da escrita de Antônio Torres, uma vez que este se destaca na literatura brasileira enquanto romancista.

Importa mencionar que o romance contemporâneo, diferenciando-se do moderno, passa a ter novos temas como foco narrativo. O mundo sofre transformações a partir da 2ª Guerra Mundial e a relação das pessoas também muda: há uma maior liberdade nos costumes, há um foco maior no materialismo, no consumo e tudo isso passa a ser abordado também pelos romancistas. Surgem, com isso, os romances de não-ficção, o *nouvou romam* — o novo romance — de tendência francesa. No Brasil, o que se percebe é que todas essas tendências influenciaram a criação literária, mas destacam o romance contemporâneo de introspeção e o romance contemporâneo de contestação.

Nas últimas décadas, os romances brasileiros costumam-se a partir das principais tendências da literatura ocidental. Com predominância de narrativas urbanas, em primeira pessoa, com poucas personagens, linguagem simples e com apelo a inovações, emprego dos recursos da metalinguagem e da intertextualidade para dialogar com a própria obra e com outras obras e temáticas ligadas aos dilemas identitários da sociedade pós-moderna, entre outros elementos.

Nesse sentido, o escritor Antônio Torres se liga à tradição dos grandes nomes da literatura por sua filiação de romancista preso às suas origens e compromissos com o tempo histórico que

testemunha, sem deixar de se posicionar diante das mudanças estéticas e das novas experimentações no plano da linguagem, enquanto leitor crítico e atento dos seus contemporâneos. É, provavelmente, o diálogo que estabelece com aspectos tão distintos das esferas literárias que mantém sua produção em alta cotação de público e crítica. Percebe-se essa influência ao longo da trilogia, ficando mais evidente em *Pelo Fundo da Agulha* (2006), no qual o narrador do romance, como seu criador Antônio Torres, é um leitor e estudioso da literatura, especialmente a urbana contemporânea, apreciando autores como Calvino, com suas *Cidades Invisíveis*, Baudelaire, Walter Benjamin e Renato Cordeiro Gomes, Guimarães Rosa, dentre outros.

O narrador contemporâneo, assim como o romance, marcado por manobras e evoluções, desloca a narrativa de sua centralidade tradicional e dar lugar às vozes desprovidas de legitimidade social, o que faz refletir sobre as categorias narratológicas. O narrador contemporâneo delimita a fronteira entre o verossímil, as escritivências, como diz Conceição Evaristo (2017), e os fragmentos do que poderia ter sido vivenciado e experienciado.

Maiquel Röhrig (2017) aponta que os textos, muitas vezes, vinculam-se às experiências de vida — conforme postulado por Dalcastagnè (2012) — dos autores, ou, pelo menos, aos espaços por eles frequentados. Dalcastagnè (2012, p. 49-50) tentou explicar o fenômeno em função da problemática da representação, e do fato de a legitimidade de quem cria ser, nos tempos atuais, mais constantemente questionada, de modo a fazer com que os escritores passem a criar apenas aquilo que represente os cenários que frequentam e, de certa forma, apenas suas próprias vidas.

Por outro lado, de acordo com Dalcastagnè (2012), em se tratando do romance contemporâneo, por mais que este busque romper com a organização espaço-tempo da tradição do século XIX — quebrando a ideia de unidade, da relação causa-efeito por meio da fragmentação — não é unânime a convivência harmoniosa das personagens com isso. Longe da teoria da realidade e nossa percepção dela, continuamos na vida cotidiana, como narrativas ora lineares, ora sem estrutura cronológica, mas que acima tudo busca dar conta de nossa presença no mundo.

Paul Ricoeur (1969) ressalta que, ao contar histórias, os homens

Articulam sua experiência do tempo, orientam-se no caos das modalidades potenciais de desenvolvimento, demarcando com intrigas e desfechos o curso demasiado complicado das ações reais. Desta maneira, o homem narrador torna inteligível para si mesmo a inconstância das coisas humanas, que tantos sábios, pertencendo a tantas culturas, opuseram à ordem imutável dos astros (RICOEUR, 1978, p 219).

Parte daí a presença, por exemplo, de tantas narrativas biográficas, com histórias de vida que empenham em ressignificar a existência humana. Isso faz com que para entender a construção temporal da narrativa deste nosso tempo pressupõe lembrar que ela inclui os mais variados tipos

possíveis da mulher e do homem contemporâneos e como esses se situam no mundo, ora representando, ora estabelecendo identidade por meio de ações e/ou daquilo que verbalizam. Exemplificando esse caráter temporal em Antônio Torres, o tempo exerce papel fundamental na vida das personagens, como se percebe em um fragmento do romance que abre a trilogia, o qual retrata um dos momentos que antecedem o suicídio de Nelo, assim que chegara ao Junco e deparara com as transformações ocorridas naquele lugarejo: “Agora não é como naqueles velhos tempos, não. A coisa mudou sucessivamente, nas resoluções intempestivas da minha vida” (TORRES, 2008, p. 31).

Em *O Cachorro e o Lobo*, a surpresa do narrador-personagem ao chegar à cidade natal, 20 anos depois de ter partido também para São Paulo, fora as mudanças ocorridas na pacata Junco, agora já incorpora novas tecnologias e se amplia nos aspectos físico e econômico, embora do ponto de vista afetivo e cultural ainda mantém velhas crenças e memórias. Recorremos ao diálogo entre Totonhim e sua irmã Noêmia, nas páginas iniciais do romance para retratar essa reflexão:

— O quê?! Nessa terra sem rádio e sem notícias das terras civilizadas?
— Você está por fora. Ainda está no tempo do serviço de alto-falante. Agora todo mundo aqui é cidadão subdesenvolvido.” (TORRES, 1997, p. 13).

Já em *Pelo Fundo da Agulha*, a construção narrativa se dá por uma lógica linear, apesar de se fazer perceptível por um frágil fio discursivo no qual predomina a ação situada num tempo cronológico e num espaço físico pautado no plano de uma realidade subjetiva: “Não o imagine um guerreiro que depois de todas as batalhas finalmente encontrou repouso... Esta é a história de um mortal comum, sobrevivente de seus próprios embates cotidianos...” (TORRES, 1997, p. 7)

De acordo com Dalcastagnè (2012), há uma preocupação da construção do narrador em Torres que, apesar de ser o mesmo nas três obras que formam a trilogia, apresenta uma peculiaridade em cada uma delas, notando-se, assim, que o narrador traz uma multiplicidade de possibilidades de falas externas sobre o protagonista:

Totonhim é um tradicional, conta o que sente, o que vê, o que imagina, e completa tudo com a reprodução de muitos diálogos — o que representaria um tom realista do livro, conquistando a confiança do leitor com mais facilidade (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 82).

Os romances contemporâneos, ao pertencerem a um tempo em que as transformações históricas, sociais, econômicas e culturais ocorrem de forma rápida e carregam traços que demarcam o perfil desse tipo de escrita literária. Os cenários são urbanos, as narrativas seguem uma cronologia nem sempre linear, apresentam poucos personagens, o foco narrativo é na maioria das vezes em primeira pessoa e possui um narrador-personagem.

Leyla Perrone-Moisés (2016), ao falar sobre literatura contemporânea, relaciona-a a meta-ficção e à intertextualidade e diz que, mesmo já sendo presentes há tempos, são estratégias que se intensificaram no final do século XX. Perrone-Moisés atribui isso ao fato do sujeito contemporâneo ter perdido “um centro de verdade religioso ou filosófico”, e ter se tornado, em consequência, “um sujeito descentrado, múltiplo e dialógico” (PERRONE-MOISÉS, 2016, p. 116).

Notamos, contudo, que a literatura não é reveladora apenas dos sentimentos e das vivências de seus autores, e sim, também, as experiências vividas pelos leitores que tornam as obras e, obviamente os autores reconhecidos. Para, Benjamin (1936) “O 'sentido da vida' é, na verdade, o centro em torno do qual o romance se move. Mas a pergunta que se faz sobre ele não é outra coisa senão a expressão inaugural da desorientação com que seu leitor se vê introduzido nesta vida escrita” (BENJAMIN, 1980, p. 68). Maiquel Röhrig (2017), ao referir-se à Perrone-Moisés, afirma que quando os narradores buscam saber quem são, reforçam a busca pelo sentido da vida, ao mesmo tempo que apontam a falta de um sentido, uma vez que este só se revela na busca, no constante procurar. Assim, repercutem a nossa própria desorientação enquanto leitores, cidadãos deste mundo em que nos movimentamos tentando, a cada instante, reconhecer-nos naquilo que fazemos, pensamos, lembramos.

Esse estudo, baseado em teóricos que debatem a temática contemporânea, embora de forma sucinta, nos aponta que a produção literária desse tempo, não concebeu, até então, nenhuma escola, tampouco se vinculou a escolas anteriores, mesmo não se recusando a certos elementos do passado que tendem, contudo, a serem revistos e repensados de forma a se posicionar em um cenário que tende, a cada dia, a despontar novos estilos, novos modos, assim como novos nomes, aptos a se juntar a escritores já renomados, sem grandes antagonismos, pensando, quiçá, não mais em disputas, nem “jogo de forças” reportando-nos outra vez a Dalcastagè (2012), mas sim compartilhar o universo literário.

Antônio Torres problematiza em suas obras, a começar por *Essa Terra*, e perpassar por *O Cachorro e o Lobo* e fechar a saga com *Pelo Fundo da Agulha*, um momento histórico em que a falta de perspectiva e a ameaça à sobrevivência no meio rural fizeram da migração uma alternativa para o homem nordestino. Com um *mix* de dor, tristeza, esperança, ironia e humor, de simplicidade e poesia em seus romances, o autor direciona, constrói e reconstrói o domínio do sertanejo revelando, assim, características socioculturais particulares daquele espaço e daquele momento.

Torres finaliza não a história de Nelo, em *Essa Terra*, já que esta se repete ao ser lembrada nas outras duas importantes narrativas que completam a trilogia. Isso só reforça o caráter inesgotável de possibilidades que a literatura nos propõe, ou como o próprio autor diz: “[...] os seres reais que me serviram de ponto de partida para o romance vão desaparecendo e dando lugar ao

que chamamos de personagens. Uma gente que se cria, anda com suas próprias pernas e nos impõe o seu destino” (TORRES in BRAIT, 1990, p. 71).

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo?* e outros ensaios. Tradução de Vinicius Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009.

AUGÉ, Marc. *Não Lugares*: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Tradução Maria Lúcia Pereira. 9ª ed. Campinas: Papirus, 2012.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Editora Hucitec, 2002.

BENJAMIN, Walter. “O Narrador. Observações Sobre a Obra de Nikolai Leskow”. IN: BENJAMIN et al. *Textos Escolhidos*. Tradução de Modesto Carone. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

BHABHA, Homi K. *O Local da Cultura*. Trad. de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1998.

BRAIT, Beth. *A personagem*. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora ática, 1990.

BOSI, A. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 2006.

CANCLINI, Néstor Garcia. *Culturas híbridas*. São Paulo: Edusp, 2000.

CANDIDO, Antônio. *Literatura e Sociedade*. São Paulo: T. A. Queiroz e Publifolha, 2000.

CARNEIRO, Flávio. *No País do Presente: ficção brasileira no início do século XXI*. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum* Trad. Cleonice P. B. Mourão e Consuelo F. Santiago. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

DALCASTAGNÉ, Regina. *Literatura Brasileira Contemporânea: um território contestado*. Vinhedo: Editora Horizonte, 2012.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol. 5. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997.

ELIAS, Norbert. *Os Estabelecidos e os Outsiders*. 1ªed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

FERNANDES, Ronaldo Costa. *O narrador do romance e outras considerações sobre o romance*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1996.

FINIAZZI-AGRÒ, Ettore. “A Natureza (e/o) Animal — Ambiente e Mundo na Obra de João Guimarães Rosa”. IN: *Signo*, Santa Cruz do Sul, v. 42, n. 74, Maio 2017, p. 37-46.

HAESBAERT, R. “O Mito da Desterritorialização e as “Regiões-Rede””. IN: *Anais do V Congresso Brasileiro de Geografia*. Curitiba: AGB, 1994, p. 206-214.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte-Brasília: Editora UFMG/Unesco, 2006.

LIMA, Juliana Domingos de. “Conceição Evaristo: ‘minha escrita é contaminada pela condição de mulher negra’”. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/entrevista/2017/05/26/Concei%C3%A7%C3%A3o-Evaristo-%E2%80%99minha-escrita-%C3%A9-contaminada-pela-condi%C3%A7%C3%A3o-de-mulher-negra%E2%80%99>. Acesso: 25/02/2019.

LIPOVETSKY, G. & SERROY, J. *A Cultura-Mundo, Resposta a uma Sociedade Desorientada*. Lisboa: Edições 70, 2010.

PERRONE-MOISÉS, L. *Mutações da Literatura no Século XXI*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

RESENDE, Beatriz. *Contemporâneos: Expressões da literatura brasileira do século XX*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra: Biblioteca Nacional, 2008.

RICOEUR, Paul. *O Conflito das Interpretações: ensaios da hermenêutica*. Trad. De H. Japiassu. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1978. (Trabalho original publicado em 1969)

RÖHRIG, Maiquel. A representação simbólica da sociedade no conto “Amor”, de Clarice Lispector. IN: *Antares: letras e humanidades*. v. 9, n. 18, Caxias do Sul: Programa de Pós-Graduação em Letras e Cultura da Universidade Caxias do Sul, 2017, p. 195-210.

SANTOS, Milton. *Técnica, Espaço, Tempo: globalização e meio técnico científico-informacional*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

SCHØLLHAMMER, Karl Eric. *Ficção Brasileira Contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

TORRES, Antônio. *Essa Terra*. 15. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

TORRES, Antônio. *O Cachorro e o Lobo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1997.

TORRES, Antônio. *Pelo Fundo da Agulha*. Rio de Janeiro: Record, 2006.